

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Eixo temático: Educação tecnológica e desafios do contexto educacional contemporâneo

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM PROCURA DA SITUAÇÃO-LIMITE

William Fabiano da Silva Filho¹

João Carlos Pereira de Moraes²

Resumo: Este artigo investiga a impossibilidade ontológica da Inteligência Artificial Generativa descobrir ou reconhecer uma situação-limite, conforme definida por Paulo Freire. A partir da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, argumenta-se que a Inteligência Artificial, como máquina técnica territorializada pelo *socius* capitalista/ tecnologia órgão externalizada, opera por reconhecimento de padrões e reterritorialização de fluxos, enquanto a situação-limite exige um movimento de desterritorialização, práxis e criação de novos territórios existenciais, um processo que aponta para o Corpo sem Órgãos como horizonte de intensidades. A metodologia adotada é a cartografia, que acompanha os processos de produção desejante e mapeia conceitos de diferentes autores sobre um novo território filosófico. Conclui-se que a IA pode mapear generalidades de uma situação, mas jamais acessar sua dimensão existencial e transformadora, permanecendo no registro do devir-majoritário (norma, padrão, probabilidade), enquanto a situação-limite exige um devir-minoritário uma linha de fuga que escapa a qualquer codificação algorítmica.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Situação-Limite. Corpo Sem Órgãos.

Introdução

Tecnologias sempre estiveram com/no ser humano, tanto como órgãos quanto externalizados (Smith, 2024). Estas tecnologias/máquinas investidas pelo desejo são territorializadas por *socius* (Deleuze; Guattari, 2011a) e se entregam como objetos parciais se externalizadas. Estas tecnologias sempre foram base para nosso entendimento e avanço humano. A sala de aula é o lugar onde os avanços das tecnologias sempre mais importam, onde essas tecnologias são interpoladas pelos alunos, seus desejos codificados. E qual tecnologia melhor falar, se não da mais nova? Inteligência Artificial Generativa, concebida por alguns como uma externalização do próprio cérebro. Poderia essa tecnologia nova como prótese do órgão humano finalmente desenvolver as questões mais importantes de uma sala de aula?

Dentro de uma sala de aula tão importante quanto o próprio conteúdo é também as desenvolturas humanas e seus conflitos sociais (Saviani, 2008). Pensemos sobre um dos conceitos mais necessários para falar destes conflitos: Situação-Limite de Freire (2018). Com ele, podemos então compreender os conflitos e a forma de ultrapassá-los.

¹ Aluno da Licenciatura em matemática na UTFPR. E-mail: williamfabiano36@gmail.com

² Professor do DAEDU da UTFPR . E-mail: joaomoraes@utfpr.edu.br

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

O uso de tecnologias em sala de aula como auxílio se mostra muito comum. Algumas tecnologias conseguem até mesmo se tornar parte essencial de uma aula. Essa nova tecnologia que se exprime no comum como uma prótese do cérebro pode ajudar então. Pode essa nova tecnologia que veio como prótese do cérebro ontologicamente nos elucidar sobre situações-limite de alunos?

Desenvolvimento

Para então responder a questão, é necessário primeiro compreender o que entendemos por situação-limite.

Situação-limite

A situação-limite em Freire (2018) é uma parede. Uma parede criada de situações concretas da realidade, situações constituídas por maneiras culturais, históricas e sociais. Exatamente por ser uma parede, ela impede. Paredes impedem tanto sujeitos únicos quanto suas contradições ou grupos de sujeitos. Não são paredes inquebráveis, é justamente sua superação que permite o que Freire (2018) chama de vocação do humano, de ser mais. O ato de quebrar tais paredes, quebrar amarras antigas e se libertar de uma situação outrora desgastante é o Ato-Limite. Com a liberdade agora de uma parede destruída e possibilitado mais de mim, inéditos viáveis. Antes não percebíamos pela parede, mas agora vislumbrados nos permitem ser mais.

No fim do ciclo desta situação-limite, Freire (2018) defende então que seria retomada uma outra situação-limite, diferente da última que agora foi desnivelada. Um ciclo sem fim de se tornar mais.

A situação-limite não é uma situação em que os sujeitos destacados nela podem se perceber naturalmente, e muito menos sozinhos (Freire, 2018). O que deve ser a situação-limite em cada caso? Como as máquinas desejantes se movimentam aqui?

A parede ou situação-limite é uma máquina social, máquinas territorializadas pelo socius. Temos de entender que, mesmo num conceito de repressão social, as máquinas desejantes nunca param com seu princípio de produção (Deleuze; Guattari, 2011a). Os seres

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

humanos não conseguem perceber sozinhos suas situações, pois, com seus desejos codificados, como não poderiam pensar que esta é a maneira natural de ser? E apenas consciente da situação não lhe basta para desterritorializar essa situação, a consciência não é dona da fábrica, apenas um subproduto dela (Deleuze; Guattari, 2011a). O que Freire quer quando dizemos que desnivelamos a parede ou situação-limite?

Ele pede o oposto das máquinas sociais em que os fluxos são presos, seus fluxos livres, que as paredes que antes impediam o desejo de correr sejam desniveladas. Que um Corpo sem Órgãos (CsO) seja almejado, nem que seja momentaneamente. É momentaneamente ele, pois nunca é atingido, apenas um processo. Se pensarmos as situações-limite como um ciclo sem fim, temos de conceber então que as máquinas sociais voltaram. Diferentes, não mais iguais, o rio flui agora para o outro lado.

O aprofundamento das razões pelas quais essas máquinas ainda voltam não nos interessa nesse momento, mas constituem sem dúvida parte essencial do período que Freire viveu. Uma máquina capitalista de axiomas (Deleuze; Guattari, 2011a), desterritorialização seguida por territorializações se mantendo ainda dentro da lógica capitalista dentro do território são comuns. Sempre novas formações presas. O interessante para nós nessa situação é o pedido constante de um CsO. Como o atingimos? Será ele advindo como Freire (2018) pensou de forma comunitária?

Corpo Sem Órgãos

O CsO é como uma superfície não simplesmente possibilidade, mas virtualidade, onde os fluxos não enganchados por nada fluem livremente (Deleuze; Guattari, 2011a). Ele não é um simples estágio comum, ele é um limite (Deleuze; Guattari, 2012). A chegada dele não é feita pela teorização, mas pela experimentação. Tentativas de outras formas de organização do próprio corpo, não simplesmente jogar tudo fora (Deleuze; Guattari, 2012), pelo menos inicialmente. O CsO também nunca é simplesmente único, que tipo de CsO você busca? Por exemplo, o “[...] masoquista fez para si um CsO em tais condições que este, desde então, só pode ser povoado por intensidades de dor, [...]” (Deleuze; Guattari, 2012, p.15).

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Não estamos longe de Freire. Pedimos uma mudança que não se faz pelo mundo simplesmente teórico, mas na própria forma de ser e se ver neste mundo. Podemos entender como uma consciência maior do próprio mundo. Nunca sozinho, pois o CsO nunca pertence simplesmente a um só. Ele se faz de um coletivo. Tanto de órgãos (máquinas tanto sociais quanto técnicas) quanto de pessoas. O nosso ponto final sempre é dar um plano de consistência ao desejo.

Por que pela experimentação fazemos esses CsO? Pois nunca se sabe como este CsO se formará da mesma forma que nunca sabemos o que faz alguém aprender (Deleuze, 2025). Como Deleuze e Guattari falam: “Que existam outros meios, outros procedimentos diferentes do masoquismo e certamente melhores é outra questão; o fato é que este procedimento convém a alguns.” (2012, p. 19).

Metodologia

Essa pesquisa foi feita e pensada usando a cartografia deleuze-guattariana como base. Utilizando de conceitos de outros autores, por exemplo situação-limite de Freire, foram mapeados eles sobre um novo território dos teóricos Deleuze-Guattari. Assim agora participantes deste novo território visto suas possibilidades e impossibilidades, neste caso, se a situação-limite de Freire no mundo Deleuze-Guattari, pode ser pensada usando/confrontando uma nova tecnologia emergente que é a IAG. E suas possibilidades e impossibilidades com tal.

A cartografia inspirada nas obras do Mil Platôs (Deleuze; Guattari, 2011b) tenta não simplesmente capturar um objeto (ou ver um simples decalque) mas acompanhar processos, agenciamentos e linhas de fuga.

A Prótese do Cérebro

As tecnologias são externalizações dos próprios órgãos desterritorializados (Smith, 2024). Tanto num sentido quase literal onde facas seriam como novas unhas quanto num sentido mais metafórico com o relógio sendo a tecnologia da percepção do tempo abstrato. Bergson, como diz Deleuze (2018), esperou 10 anos para poder falar de cinema. Essa espera

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

para ver o que ela se tornaria. Que as coisas só mostram sua essência com o tempo. Será que as Inteligências Artificiais Generativas (IAG)³ já se constituíram tempo o bastante para dizermos que tecnologia ela é?

Que órgão as IAG externalizaram antes de se tornarem algo próprio? De que conceito ela adveio para então se tornar o que é agora? Uma tecnologia que no senso comum é vista como produtora. Pessoas simplesmente pedem coisas à tecnologia para retirá-lhes verdades. Não percebem o próprio desejo fluindo pela máquina; é a máquina com todas as suas formas sociais produzidas retornando o fluxo com cortes, rebitagens etc.

O órgão que sonhamos replicar foi nenhum, mesmo que o próprio cérebro. Sonhamos com isso, filmes como *Her* (2013) e *Ex Machina* (2015) já falavam dessa nova tecnologia, não especificamente como generativa, mas que possuem os fluxos e acoplamentos para retornar o conhecimento. Que os fluxos de desejo que antes passavam por uma própria máquina social humana sejam agora usados como prompt pela IAG. Mas pode essa tecnologia tudo isso?

Se pode tudo isso, então um pedido como a situação-limite de um aluno ela responderia exemplarmente. Então como ela realmente funciona? Quais mecanismos opera? O que ela produz com os fluxos que colocamos nela?

Esta tecnologia funciona de forma bem simples. Peguemos todos os livros e todas as palavras já escritas em ordem de uma frase que faça sentido, teremos palavras que aparecem mais perto umas das outras, algumas que sempre se fazem sentido aparecer depois ou algumas que nunca devem aparecer, com isso podemos fazer um cálculo de probabilidade/proximidade da próxima palavra e colocamos a palavra com maior probabilidade próxima dela, as IAG funcionam num formato assim ou parecido (Lee; Trott, 2024). O cálculo é claro, envolve um certo número, e complexo, de passos de que não se tem certeza total, mas nada que fuja dessa ordem de acontecimento. Existem regras adicionais de como a nossa própria língua funciona, como, por exemplo, palavras com duplo sentido devem então ter duas variáveis diferentes.

De forma abstrata imaginemos que temos como um gás que participa de n dimensões. Cada dimensão quer dizer mais dados para cada partícula do gás, quanto maior a dimensão,

³ Quando falo de IAG também refiro-me a Grandes Modelos de Linguagem (LLM)

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

maior seria seu peso, por exemplo, “[...] a versão mais poderosa do GPT-3 usa vetores de palavras com 12.288 dimensões.” (Lee; Trott, 2024, tradução de Carlos Dutra), seria como um gás de 12.288 dimensões. Esse gás se dispersa em certos pontos e em outros é muito condensado. Cada palavra é como uma pequena partícula desse gás. Quando essa tecnologia pensa na próxima parte do gás, ela vê que a partícula mais participa, mais se intercede, mais perto está da nossa partícula. Ao final, o nosso gás agora parece algo de verdade, como se tivéssemos remontado uma cadeira dela, um agenciamento próprio. Mas só o que conseguiu verdadeiramente falar como um Devir-Maioria, um inconsciente de vários corpos com agenciamentos parecidos nos responderam.

Adicionar novos dados ao nosso gás é o mesmo que tentar dar um soco no gás, ele em si não responde, mas a forma que antes se agenciava agora mudou. Certos pontos agora são mais densos e outros menos.

Considerações finais

Como pensado anteriormente, agora temos que nos questionar sobre a possibilidade desse gás nos dizer como formar novos CsO. Imaginemos colocar então todos os dados proporcionais possíveis de tal pessoa e tal situação. O gás agora irá pelo seu mecanismo nos devolver um formato. Esse formato só faz sentido enquanto pensado e procurado por nossos próprios corpos como objetos parciais, signos etc. Nós atentamos a pensar aqui e agora sobre o CsO. Existe apenas a impossibilidade da IAG (ou nosso gás) nos dar uma real resposta sobre a formação de nosso novo CsO (ou ruptura da situação-limite). A formação do CsO pede além de apenas teorização, um conhecimento que não existe no gás da maioria. Um CsO necessita do Devir-Minoria do sujeito, de que povo ele participa? Que planos de desejo você quer formar? De que sensibilidades já participa?

Toda situação-limite participa de um devir-minoria, uma mudança, de algo novo. Algo que a maioria total não pode nem tentar dizer como fazer. Situação-limite e por necessidade ontológica uma própria repetição no sentido de Deleuze (2025). Impossibilitado assim por sua tentativa de generalidade, pode ter pontos em comum com um devir-minoria, mas nada disso diz sobre a situação.

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Referências

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Traduzido por Luiz Orlandi e Roberto Machado. 6 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1 - A imagem-movimento**. Traduzido por Stella Senra. 1 ed. São Paulo: Editora 34. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 vol.3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 vol.1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

EX MACHINA. Direção: Alex Garland. Produção: Andrew Macdonald, Allon Reich. Roteiro: Alex Garland. Reino Unido; Estados Unidos: DNA Films; Universal Pictures International; Film4, 2015. 1 DVD (108 min), son., color.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HER. Direção: Spike Jonze. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze, Vincent Landay. Roteiro: Spike Jonze. Estados Unidos: Annapurna Pictures; Warner Bros. Pictures, 2013. 1 DVD (126 min), son., color.

LEE, Timothy B.; TROTT, Sean. **Grandes modelos de linguagem, explicados com o mínimo de matemática e jargão**. Tradução de Carlos Dutra. Understanding AI, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.understandingai.org/p/grandes-modelos-de-linguagem-explicados>. Acesso em: 19 jun. 2026.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2008.

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

SMITH, Daniel W. **Deleuze and Technology**. Deleuze and Guattari Studies, v 18, n. 3, p 373-392, 2024.